

O OPERACIONALISMO NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Data de aceite: 01/12/2023

Mayara Duim Barbosa

Psicóloga clínica com mestrado em Psicologia pela UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) e especialista em Terapia Analítico Comportamental pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco)

Guilherme Henrique Pinheiro

Psicólogo clínico especialista em Psicopedagogia pelo IESF (Instituto de Ensino Superior da FUNLEC) e Professor de pós-graduação do curso de Terapia Analítico Comportamental pela Sanar Saúde

Lucas Ferraz Córdova

Professor Associado do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Mestrado) FACH/UFMS

Em 1945, com o texto *The operational analysis of psychological terms* (Análise Operacional de Termos Psicológicos) Skinner marca o início da filosofia de ciência behaviorista radical, através do diálogo com o pensamento operacionista. O autor toma a noção de operacionismo da

física, a qual caracterizava-se pelo aspecto metodológico conceitual em que a definição de ciência, bem como do objeto científico, pauta-se em construtos relacionais. Essa perspectiva é proposta pelo físico P. W. Bridgman, como marco principal, seu texto de 1927, *The Logic of Modern Physics*. Auferindo uma explicação mais relacional a conceitos da física, o autor deixa de lado noções absolutas, e confere à explicação um status de conjunto de operações e não mais explicação científica e seus conceitos como recortes da realidade. As aproximações entre Bridgman e Skinner no que tange à ciência e explicação caem no escopo de tirar a explicação científica de um mundo metafísico, atribuindo a esta um caráter muito mais relacional: ciência é o produto daquilo que faz o cientista.

Ao entrar em contato com a nova visão de física de Einstein, Bridgman (1927/1993) propõe com o operacionismo um novo meio de interpretar a física. Em que o conceito deixava de ser a descrição das propriedades físicas do objeto, passando a depender da relação

operacional entre o físico e o evento observado. Segundo Bridgman (1927/1993), falar de qualquer conceito seja ele da Física ou da Psicologia envolve que uma série de operações, operações estas, que sejam funcionais e que permitam operar eficazmente sobre o conceito e o objeto. Bridgman (1927/1993) exemplifica quando se refere às definições de Newton de tempo, espaço, lugar e movimento, em que é evidente a limitação a descrição de suas propriedades como encontradas na natureza.

(...) Quando reduzimos a conceitos deste tipo, torna-se puramente uma ciência abstrata e tão longe da realidade como a geometria abstrata, dos matemáticos, construindo postulados. (Bridgman, 1927/1993, p.4 - 5).

Quando Skinner (1945/1984) apresenta construtos psicológicos através de uma óptica funcionalista, emprega sua própria interpretação do fenômeno apresentado por Bridgman (1927/1993), abstrai da construção conceitual do autor e aplica um modelo contextual de explicação. Nesse modelo, as relações que permeiam os eventos psicológicos seriam o objeto de estudo de uma ciência psicológica, de forma que ao behaviorismo radical não apenas caberia estudar o comportamento humano, como também suas relações com o ambiente em que ocorre.

Para pensar como um método operacionista foi incorporado à análise do comportamento, foi preciso um resgate do momento em que houve a necessidade de formular uma lógica operacional na física moderna. Incluindo suas consequências sobre a psicologia, os fatores que influíram a filosofia behaviorista radical e consequentemente a ciência analítica por ela fundamentada.

Pode-se dizer que o zeitgeist das ciências, de modo geral, na primeira metade do século XX trouxe uma reformulação do paradigma científico, passando a adotar uma concepção de realidade estruturalmente contextual e relativa. Os estudos de Pavlov influenciam a ciência do comportamento de Watson, que abandonava o subjetivismo e adotava um enfoque mecanicista descritivo, formato de pensamento que conduz a uma nova crise na psicologia. Ao mesmo passo, as filosofias das ciências também influenciadas pela revolução causada por Einstein na física, adotam uma postura de maior preocupação epistemológica, a partir da qual origina-se o positivismo lógico que se apropria do operacionismo pronunciado por Bridgman. No entanto, mesmo que Bridgman não se apoie no positivismo lógico, sua operacionalização de conceitos científicos passa a ter papel complementar a ele. Tal ideia é precursora do Behaviorismo de Watson, que se apoia no positivismo lógico para unir lógica, empirismo e a preocupação com a linguagem, onde o contato com a natureza e a experimentação permitirá o valor de verdade dos pressupostos científicos; no qual é assumido o fenômeno observável como critério de concordância.

Com a introdução do positivismo lógico e do operacionismo na psicologia, pelo filósofo Feigl em 1930, a psicologia ganha como defensores autores importantes como Boring e Stevens. Stevens por exemplo, infere uma visão operacional que vai além das questões apresentadas por Bridgman, evidencia a importância dos construtos empíricos acordados

socialmente e ainda ressalta a preocupação com a análise sobre a lógica científica, dando maior espaço para o papel do cientista na explicação dos fenômenos humanos. Contudo, a apropriação feita por Behavioristas metodológicos das ideias operacionistas cumpria a função de creditar maior teor de cientificidade a conceitos empiricamente não verificáveis. Assim, via tal modelo de conceitualização construtos mentais se mantinham no linguajar científico sendo analisáveis via seus correlatos públicos. O conceito de inteligência, por exemplo, se mantém enquanto fenômeno interno, mas estudado a partir daquilo que está dado publicamente (condições ambientais e ações que são entendidas como inteligentes). Em outras palavras, o operacionismo é apropriado por esta versão de behaviorismo como forma de dar credibilidade científica ao estudo de fenômenos mentais.

Skinner, no simpósio proposto por Boring, propõe uma outra forma de apropriação pela psicologia das ideias de Bridgman. Assim, o presente texto tem por objetivo, a partir da análise das estratégias de conceitualização conduzidas por Skinner em três textos importantes em sua trajetória acadêmica, fazer apontamentos sobre o impacto das ideias operacionistas sobre o Behaviorismo proposto por Skinner. É discutido e exemplificado o modo de construção conceitual em Skinner, marcadamente influenciado pela leitura funcionalista do operacionismo, em três textos importantes na história do Behaviorismo Radical e Análise do Comportamento: Análise operacional de termos psicológicos, Ciência e comportamento humano, Comportamento verbal.

1945: Análise Operacional de termos psicológicos

O texto de 1945 (Skinner, 1945) é tradicionalmente compreendido como o marco inicial daquilo que passa a ser conhecido como Behaviorismo Radical. Como apontado anteriormente a proposta da análise operacional se mostrava muito profícua no cenário da Psicologia da década de quarenta do século XX. O reconhecimento desta importância culmina no simpósio, sugerido por Edwin G. Boring com a finalidade dos participantes se expressarem sobre a forma de acomodação das ideias operacionistas no interior da psicologia (Boring, 1945). Em sua fala, Skinner (1945/1984), sob um enfoque diferenciado dos demais palestrantes (Feigl, 1945; Pratt, 1945; Israel, 1945), de uma perspectiva de análise funcional, modifica como a Psicologia deveria se apropriar do operacionismo: uma análise operacional não mentalista.

Ao dialogar com Bridgman, inicialmente discutindo com o conceito de reflexo, Skinner atua como um crítico desfazendo o alicerce do operacionismo sobre o positivismo lógico, com uma proposta de ciência do comportamento que seja aplicada a qualquer comportamento. Torna evidente sua posição diante da lógica positivista onde não atua como um cientista operacionista, parte de suas próprias interpretações, refinando o operacionismo de Bridgman e refazendo seu molde dentro da psicologia. Skinner faz uma leitura que perpetua sua obra em um movimento não-linear. Ao realizar essa leitura, o

cientista do comportamento lança um pressuposto que modifica a noção do que significa a ciência do comportamento na perspectiva analítico-comportamental: quando o cientista faz ciência ele está se comportando. O objeto de estudo da Análise do Comportamento também é aquilo que o cientista faz.

Dessa forma a Análise do Comportamento se incumbe da relação entre cientista e objeto de estudo, abrangendo ao conhecimento do mundo público e do privado, tal como o comportar-se diante deles. Skinner (1945/1984) rebate o operacionismo baseado em nomenclatura referente, como prática adotada por seus interlocutores no simpósio de 1945, e propõe uma interpretação sobre o alicerce experimental da psicologia, no qual há o controle dos fenômenos observáveis.

O que queremos saber, no caso de muitos dos termos psicológicos tradicionais, é, em primeiro lugar, quais as condições específicas de estimulação sob as quais eles são emitidos (isso corresponde a "encontrar os referentes") e, em segundo (e esta é uma questão sistemática muito mais importante), por que cada resposta é controlada por sua condição correspondente (Skinner, 1945/1984, p. 272).

Não se atém apenas às concepções conceituais, mas também aos princípios de predição e controle das variáveis que permeiam a prática avaliativa nos eventos em observância. Skinner (1945/1984) evidencia que não necessariamente tais variáveis de controle são de ordem genética, mas que muito do que tomamos como termos psicológicos clássicos são práticas mantidas por uma dada comunidade verbal.

O texto de 1945 é de extrema importância para a caracterização da proposta de psicologia de Skinner, pois nele, delinea as bases do que vem a ser a filosofia behaviorista radical. Na qual, o autor afirmou como a Psicologia usava erroneamente de um método científico, propondo uma substituição de um entendimento realista dos conceitos para uma análise funcional do uso de conceitos por parte do cientista. Passa então a utilizar de conceitos que não envolviam uma explicação interna, mas sim função dentro de relações contingenciais especificáveis como alternativa aos mentalismos clássicos da Psicologia. Fazendo uma relação com Bridgman (1927/1993), tirar o comportamento de onde este acontece torna a ciência algo puramente abstrato, um construto em cima de postulados. Skinner (1945/1984) aponta para a definição dos termos psicológicos a partir de um vocabulário behaviorista, ao qual caberá descrever a atividade do comportar-se das pessoas e do próprio cientista de modo não mentalista.

Não há nenhuma razão para restringir a análise operacional a construtos de ordem superior; o princípio se aplica a todas as definições. Isso significa que devemos desenvolver uma definição operacional para cada termo, a menos que se queira adotar o uso vago da linguagem vernacular. (Skinner, 1945/1984, p.270)

Skinner (1945/1984) estabelece um modelo baseado na contingência tríplice, no qual a especificação das contingências que envolvem o termo é determinante para sua definição.

Existem três termos importantes: um estímulo, uma resposta e um reforço fornecido pela comunidade verbal. (Todos eles precisam de definições mais cuidadosas do que aquelas inferidas a partir do uso corrente, mas a discussão que se segue pode ser feita sem maiores digressões). As interrelações significativas entre estes termos podem ser expressas dizendo-se que a comunidade reforça a resposta apenas quando ela é emitida na presença do estímulo. O reforçamento da palavra “vermelho”, por exemplo, é contingente à presença de um objeto vermelho (a contingência não precisa ser invariável.).

Um objeto vermelho torna-se, então, um estímulo discriminativo, uma “ocasião” para a emissão bem sucedida da palavra vermelho (Skinner, 1945/1984, p. 272).

Ressaltando o papel da comunidade verbal, até então deixado de lado, em que a linguagem presente no discurso verbal atua de forma funcional na descrição das contingências e sua relação com os estímulos que atuarão na probabilidade de ocorrência de um determinado comportamento. Apresenta as maneiras pelas quais a comunidade verbal responde a um estímulo sem acesso a ele – uma prática científica que consiste em “(1) observações de alguém, (2) os procedimentos de manipulação e de cálculos envolvidos em fazê-las (3) os passos lógicos e matemáticos que se interpõem entre a primeira e a segunda observação e (4) nada mais” (Skinner, 1945/1984, p.270).

Tendo em vista o mentalismo presente, quando se trata da formação de conceitos na psicologia, Skinner passa a usar o termo abstração, quando diante de um estímulo as propriedades que controlam o comportamento emitido são umas e não outras. Dessa forma, ao reforçar o responder frente a algumas propriedades de um estímulo e ignorar outras, temos um processo de abstração, no qual a emissão do comportamento irá depender de um treino discriminativo. O treino fará com que o comportamento fique sob controle de propriedades específicas do estímulo. Um conceito seria um responder abstrato frente a diferentes eventos. Em termos funcionais o conceito de “cadeira”, por exemplo, as fontes de controle de emissão da resposta verbal “cadeira”, isto é o elemento partilhado por todo objeto no qual a resposta “cadeira” é emitida e reforçada por uma dada comunidade verbal (no caso, falantes de português). Da mesma forma, o conceito de “comportamento” deve ser buscado na relação funcional mantenedora da resposta verbal “comportamento”.

1953: Ciência e Comportamento Humano

Em 1953 com *Ciência e Comportamento Humano* fica claro como a interpretação funcionalista do operacionismo apresentado em 1945 se evidencia em Skinner. Ao longo do livro o autor discute uma série de conceitos tradicionais à psicologia não os descrevendo a partir de uma realidade ontológica, mas sim buscando explicitar as contingências nas quais nos referimos a eles.

Será apontado aqui como as discussões feitas pelo autor (Skinner, 1953) a respeito dos conceitos, tradicionais em psicologia, Autocontrole e Emoção marcam a direção desse olhar, sobre as contingências reforçadoras atuantes na relação funcional entre contexto e

as respostas verbais “autocontrole” e “emoção”. É nesse ponto que Skinner volta o foco analítico às variáveis que controlam o comportamento do indivíduo, busca uma análise que não utiliza de termos mentalistas e prioriza o olhar sobre as relações entre o comportamento e o ambiente em que este ocorre, de forma a considerar o que gera e o que mantém determinados eventos.

Retornando a temas clássicos abordados pela Psicologia, como a emoção e o Eu, a Análise do Comportamento coloca-os de uma forma que seja permitida uma investigação científica e que o cientista não fique preso em seus questionamentos quando estes se voltam para dentro da pele, ou seja, para o privado. Segundo Skinner (2003/1953) o cientista deve agir de forma a buscar um ordenamento na natureza e explicar essas relações de forma funcional, pois é assim que um cientista age de forma eficaz, buscando relações de regularidade e formulando leis gerais e específicas sobre tais relações. Ao dar uma definição propriamente dita para um padrão específico de respostas, há a preocupação com o enunciado científico encarregado do termo definido, uma classificação por terminologia de um repertório no qual uma ou mais respostas são apresentadas frente a uma circunstância em particular que age como estímulo discriminativo.

Skinner (2003/1953) inicia o capítulo referente ao autocontrole, afirmando que a ideia de um autocontrole está implícita em uma análise funcional do comportamento verbal do sujeito e diz que “quando encontramos uma variável independente que possa ser controlada, encontramos um meio de controlar o comportamento que for função dela.” (p. 249). Como citado anteriormente, uma análise funcional pode ser sujeita ou pode ser considerada como uma análise de cunho operacional: (1) investigar uma variável independente que controle um comportamento (observação do cientista sobre um evento da natureza); (2) “Provar a validade de uma relação funcional com a demonstração real do efeito uma variável sobre outra.” (Skinner, 1953/2003, p. 249) os procedimentos envolvidos nesta observação; (3) Como o cientista manipula as contingências das quais seu próprio comportamento é função e quais são seus processos lógicos envolvidos em fazê-lo (Skinner, 1945/1984, p. 271), como é explicado na citação a seguir:

As implicações práticas são provavelmente ainda maiores. Uma análise das técnicas através das quais o comportamento pode ser manipulado mostra a espécie de tecnologia que emerge à medida que a ciência progride, e indica o considerável grau de controle que correntemente se exerce (Skinner, 1953/2003, p. 249)

Quando Skinner apresenta a definição de autocontrole, mostra que, controlar o comportamento é implicar no controle das variáveis cujo comportamento do falante é função; que o indivíduo manipula as variáveis externas que determinam seu próprio comportamento frente a contingências conflitantes. Assim, altera a probabilidade de ocorrência de uma resposta específica, fazendo uso de técnicas de autocontrole, oriundas de técnicas de controle. Toma como recurso o efeito de uma variável sobre outra em função

de uma mudança gerada, uma consequência especificada pela comunidade verbal a partir de um estímulo discriminativo.

Skinner (2003/1953) explicita que, mais que um organismo que se comporte diante das variáveis dispostas no ambiente, um indivíduo é capaz de controlar seu próprio comportamento se tiver repertório e ferramentas para tal tarefa. A ênfase deve se basear não no sujeito, mas no comportamento deste, pois, ainda segundo uma crítica do autor a uma visão tradicionalista “o indivíduo ‘escolhe’ entre cursos de ação alternativa, ‘pensa sobre’ um problema enquanto isolado do ambiente relevante e cuida de sua saúde ou de sua posição na sociedade através do exercício do ‘autocontrole’.” (p. 250).

Quando Skinner propõe uma análise do conceito de autocontrole a sua preocupação não está em compreendê-lo como um processo psicológico, mas como resposta verbal. Autocontrole seria apenas uma palavra que tem sua emissão apreendida diante de algumas condições ambientais. O que Skinner descreve quando descreve autocontrole são os Sd's diante dos quais dizer “autocontrole” é reforçado na nossa cultura.

No mesmo livro quando emoção é discutida por Skinner (2003/1953), ele analisa o termo emocional como uma resposta verbal, e qual o contexto em que a comunidade verbal reforça a resposta. No comportamento descrito como emocional a relação funcional entre termo e contingências originadoras de comportamento é explicitada na apropriação da linguagem pela comunidade verbal, dessa forma emoções passam a ser definidas pela comunidade verbal, num processo descritivo e classificatório que será reconhecido pelo indivíduo. A comunidade irá reforçar o comportamento individual que lhe couber interesse, dispondo de consequências para direcionar ao comportamento desejado, assim, a análise deve ser feita em torno da resposta do falante e das respostas que atuam como estímulo discriminativo a ele.

O comportamento operante a preocupação está voltada para a importância prática do comportamento do organismo sobre o ambiente, os efeitos que este produz no mundo que o rodeia. Quando o indivíduo mordido por um cachorro passa a apresentar respostas de medo na presença de outros cachorros, a resposta não é emitida somente na presença daquele cachorro específico e de sua raça, como também é apresentada frente a animais semelhantes. Cabe à comunidade verbal descrever as respostas emitidas pelo indivíduo quando este se depara com uma situação que seja estímulo discriminativo para uma resposta emocional. Como em Skinner (1989) “O lado operante da raiva é uma grande probabilidade de causar dano a alguém e uma menor probabilidade de ser agradável” (p. 104). Assim, essas alterações identificáveis de probabilidade funcionariam como contexto para o falante emitir a resposta verbal “Raiva”